



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA COMPARADA

RAFAELA DAYNE RIBEIRO LUCENA

**LETRAMENTO: UM SUBSÍDIO PARA O EMPODERAMENTO DA MULHER  
NEGRA EM *A COR PÚRPURA E PRECIOSA***

GUARABIRA – PB

2013

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena

**LETRAMENTO: UM SUBSÍDIO PARA O EMPODERAMENTO DA MULHER  
NEGRA EM *A COR PÚRPURA E PRECIOSA***

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Literatura Comparada, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Literatura Comparada, sob a orientação da Prof. Dra. Sueli Meira Liebig.

Guarabira – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

L256t Lucena, Rafaela Dayne Ribeiro

Letramento: um subsídio para o empoderamento da mulher  
negra em a cor púrpura e preciosa / Rafaela Dayne Ribeiro  
Lucena. – Guarabira: UEPB, 2013.

33 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em  
Literatura Comparada) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sueli Meira Liebig.

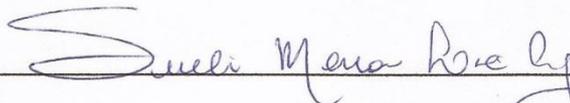
1. Mulher Negra 2. Letramento 3. Linguagem. I. Título.

22.ed. CDD 372.623

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena

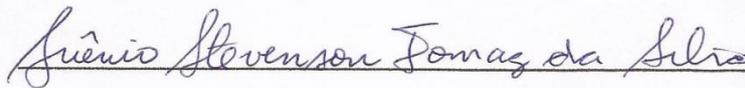
**LETRAMENTO: UM SUBSÍDIO PARA O EMPODERAMENTO DA MULHER  
NEGRA EM A COR PÚRPURA E PRECIOSA**

Comissão Examinadora



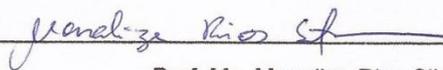
Prof. Dra. Sueli Meira Liebig

Presidente – Orientadora



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomás da Silva

1º Membro



Prof. Ms. Monaliza Rios Silva

2º Membro

Aprovada em 28 de agosto de 2013.

Guarabira – PB

2013

A Deus que tantas oportunidades tem me dado, também a minha querida mãe que partiu tão precocemente sem ter a oportunidade de me acompanhar nessa caminhada, dedico.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu tivesse sucesso na minha vida acadêmica. Especialmente à professora Sueli Meira Liebig pela paciência e dedicação com que tem me orientado neste e em outros trabalhos.

**“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer.”**

(Mahatma Gandhi)

## RESUMO

Este trabalho enfatiza a importância do letramento no processo de aquisição da linguagem da mulher negra, e conseqüentemente na afirmação de sua identidade cultural, tendo como pano de fundo os romances *The Color Purple* (A cor Púrpura), de 1982 e *Push* (Preciosa), de 2010, das escritoras afro-americanas Alice Walker e Sapphire, respectivamente. O que se evidencia neste estudo é o papel redentor da alfabetização na vida das protagonistas Celie Johnson e Clarice Precious Jones, que como meninas negras e pobres são exploradas sexualmente, aviltadas e humilhadas no seio de uma sociedade altamente misógina e preconceituosa. Tomamos como aporte teórico os postulados de Soares (2010), Kleiman (1995), Perrot (2008), Napier (2000), Barbosa (2000), Valentim (2006), Bagno (2002) e Koch (2006), dentre outros, para demonstrar a importância do letramento para a autoestima da mulher negra que, sem vez nem voz enquanto analfabetas transformam-se depois da aquisição de conhecimentos em seres humanos pensantes, críticos e desejantes.

**Palavras – chave:** Mulher negra, letramento, linguagem.

## ABSTRACT

This work emphasizes the importance of literacy in the process of language acquisition by black women, and as a consequence the affirmation of their cultural identity, having as background the novels *The Color Purple* (1982) and *Push* (2010), by the African-American writers Alice Walker and Sapphire, respectively. What is shown in the study is the redemptive role of literacy in the lives of the protagonists Celie Johnson and Clarice Precious Jones, which, as poor black girls, are sexually spoiled, despised and humiliated, within a highly misogynous prejudicial society. As theoretical support, we can point the Works by Soares (2010), Kleiman (1995), Perrot (2008), Napier (2000), Barbosa (2000), Valentim (2006), Bagno (2002) and Koch (2006), among others, in order to demonstrate the importance of literacy to the self-esteem of the black women who, with no existence and no voice while illiterate, transform themselves, after the acquisition of knowledge, in thinkable, critic, desiring human beings.

**Key – words: Black women, Literacy, language.**

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A DIMENSÃO SOCIAL DO LETRAMENTO .....	11
3. O EMPODERAMENTO ATRAVÉS DO LETRAMENTO .....	16
4. A ESCRITA DE SI, ATRAVÉS DO GÊNERO CONFSSIONAL .....	21
5. A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE LETRAMENTO COMO EMPODERAMENTO NA VIDA E NO DESTINO DE CELIE E PRECIOSA .....	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

## 1. INTRODUÇÃO

Saber comunicar-se através de sinais gráficos foi uma das maiores conquistas para a mulher negra. Através do letramento, ela conseguiu ser enxergada como sujeito pensante e consciente, responsável pelo sentido dos enunciados por ela produzidos. A leitura e a escrita sempre foram objetos de desejo para essa mulher que, durante muito tempo foi tão oprimida e discriminada, era obrigada a mostrar-se como sujeito atuante diante de uma sociedade opressora, racista e machista. A interação com o meio em que vive sempre foi um obstáculo para a mulher afro-descendente. A fala quase sempre lhe era negada, a maioria das vezes quando podia utilizá-la era para responder às perguntas daqueles que se impuseram como seus superiores, principalmente o marido, como era o caso de Celie, protagonista de *A Cor Púrpura*, que nunca podia dialogar com o homem com o qual foi casada durante trinta anos e só podia chamá-lo de “senhor”, como representação da sua condição de mulher submissa. No entanto, no momento em que a pessoa aprende a ler e a escrever torna-se um ser crítico e idealizador, uma vez que o letramento não é apenas a condição de saber ler e escrever, mas de exercer as práticas sociais da leitura e da escrita que circulam socialmente, relacionando-as com as práticas de interação oral. Busca-se, com este estudo, abordar o processo de empoderamento e da consequente visibilidade da mulher negra ao longo do tempo, mostrando sua posição na sociedade, enquanto enquadramos o letramento na vida desse ser como uma ferramenta de libertação da sua condição de dominada, revelando que a condição de letrada devolve-lhe o incentivo para continuar vivendo e vencendo seus obstáculos. Nossa pesquisa compara dois romances de escritoras afro-americanas, evidenciando as condições socioculturais em que viviam Celie Johnson, protagonista de *A Cor Púrpura* e Clarice Precious Jones, heroína de *Preciosa*, marcadas pela busca de letramento, liberdade de expressão e respeito.

## 2. A DIMENSÃO SOCIAL DO LETRAMENTO

O letramento é uma ferramenta fundamental para o indivíduo que almeja ascensão social. Saber se comunicar através de sinais gráficos e fazer uso da leitura e da escrita são como necessidades básicas para o reconhecimento social.

A esse respeito, Soares afirma que:

O analfabeto é aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas; porque conhecemos bem, e há muito, esse “estado de analfabeto”, sempre nos foi necessária uma palavra para designá-lo, a conhecida e corrente analfabetismo (SOARES, 2010, p. 20).

Podemos perceber nas palavras da autora que o analfabeto, na maioria das vezes, é enxergado socialmente como marginal, ou seja, aquele que está à margem da sociedade, que não pode opinar, sugerir e nem tão pouco influenciar no meio em que se encontra inserido e em alguns casos é conceituado como um ser sem cultura.

O termo letramento surge como um subsídio para os indivíduos que buscam responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz:

Só recentemente esse oposto tornou-se necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo letramento (que, como já foi dito, vem se tornando de uso corrente, em detrimento do termo alfabetismo) (SOARES, 2010, p. 20).

O indivíduo que deixa a condição de iletrado para ocupar o posto de indivíduo letrado passa por mudanças significativas na sua forma de viver, na sua forma de pensar. Segundo Soares:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 2010, p. 37).

É importante ressaltar a distinção entre um indivíduo alfabetizado e o indivíduo letrado, sobre esse aspecto vejamos o que diz Soares.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2010, pp. 39- 40).

Sendo assim, o letramento não pode ser resumido a uma prática individual, mas constitui-se como um conjunto de práticas sociais que estão ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seus contextos sociais.

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais (SOARES, 2010, p. 72).

O letramento passa a ser a principal ferramenta para a ascensão social do indivíduo, para que este seja capaz de atingir objetivos e desenvolver suas potencialidades.

Subjacente a esse conceito liberal, funcional de letramento, está a crença de que consequências altamente positivas advêm, necessariamente, dele; sendo o uso das habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania (SOARES, 2010, p. 74).

Vale ressaltar também que em alguns casos o processo de letramento acontece de forma diversificada em consequência dos contextos sociais diferenciados em que se encontram os indivíduos.

Pessoas que ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vida associados a esses lugares enfrentam demandas funcionais completamente diferentes: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia são, entre outros, fatores que podem determinar a natureza do comportamento letrado (SOARES, 2010, p. 80).

Na contemporaneidade, o letramento constitui-se como um direito do cidadão, independentemente de sua condição social, todo indivíduo deve ter acesso ao processo de aquisição da linguagem oral e escrita, por meio do letramento.

No entanto, em alguns países ainda em processo de desenvolvimento há indícios de exclusão com relação ao processo de letramento, ainda há um número significativo de indivíduos que buscam o título de letrados, a fim de, alcançar visibilidade social, deixar de estar à margem da sociedade para ocupar um lugar de igualdade econômica, cognitiva e participativa socialmente falando, que o letramento pode proporcionar.

É comum ouvirmos que a escola é a instituição responsável pelo processo de letramento pelo qual o cidadão deve passar na faixa etária adequada, porém outras instituições também podem e devem dar esse subsídio para o cidadão. A família, por exemplo, deve oferecer condições mínimas para que o sujeito venha a ter acesso à leitura e à escrita, através do convívio escolar, mas também fazer parte desse processo dando o suporte necessário para que esse indivíduo tenha sucesso e possa receber o título de letrado, passando a ser um ser pensante, capaz de fazer uso da leitura e da escrita socialmente, capaz de articular, pensar, argumentar, ou seja, interagir com o seu meio social, que possa ocupar um lugar que por direito lhe pertence, já que, todo cidadão tem o direito de receber as instruções adequadas para poder alcançar a condição de letrado, mas nem sempre isso acontece e a necessidade que o indivíduo passa a ter de alcançar esse posto torna-se cada vez mais significativa e os meios para chegar ao posto de sujeito letrado muitas vezes fogem ao padrão escolar e essa aprendizagem às vezes acontece de forma rudimentar com o auxílio de parentes, vizinhos, amigos onde os meios de aprendizagem também são rudimentares, no entanto, a necessidade e o desejo desse indivíduo em se tornar um sujeito letrado é significativo o suficiente para fazer com que ele supere esse processo de aquisição da linguagem tão rudimentar e tenha como prioridade poder ser reconhecido como um indivíduo letrado.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, qual seja, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua – como lugar de trabalho -, mostram orientações de letramento diferentes (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Algumas atividades realizadas por pessoas letradas como, por exemplo, ler uma placa de trânsito, escrever uma lista de objetos que deseja comprar em algum estabelecimento comercial, ler uma carta, enviar um e-mail etc., na maioria das vezes passam despercebidas aos olhos dos letrados, pois são consideradas atividades rotineiras além de básicas, porém para o indivíduo que não domina as técnicas de leitura e de escrita essas mesmas atividades representam uma dificuldade que os mesmos precisam superar e a única forma de se conseguir isso é se submetendo ao processo de aprendizagem através do letramento. É o exemplo da personagem do romance “Quarto de Despejo”, da autora Carolina Maria de Jesus, que consegue se superar através da escrita, dos relatos que a mesma fazia em uma espécie de diário, eram anotações sobre as suas atividades diárias mais corriqueiras, como ir ao mercado ou até mesmo uma conversa informal com alguém da comunidade, moradora de uma favela a personagem aproveita a escrita para fazer algumas denúncias sociais das péssimas condições de moradia que a mesma e os demais moradores da favela enfrentavam.

A inserção de grupos minoritários ou pouco letrados na sociedade é sempre marcada pela exclusão. Nesses grupos destacam-se os negros, os filhos de trabalhadores rurais analfabetos, crianças moradoras de ambientes discriminados como as favelas, dentre outros.

O modo de inserção dos membros dos grupos “pouco letrados” na sociedade tem a marca da exclusão, em um sistema em que o pleno domínio da leitura e da escrita e de outras práticas letradas é um pressuposto da constituição das competências individuais necessárias e valorizadas nessa sociedade (KLEIMAN et alii, 1995, pp. 147 e 148).

E é na escola que acontece essa inserção dos grupos pouco letrados, uma vez que a escola é um lugar social que sistematiza o conhecimento dos indivíduos e promove o contato destes com a ciência, além de promover o desenvolvimento cultural dos que a frequentam. É o que acontece com a personagem Preciosa, do romance homônimo: uma adolescente pobre e negra, vítima de abusos sexuais praticados pelo próprio pai, abusos que resultam em gravidez na adolescência acarretando sérios problemas com relação a sua aprendizagem, fazendo com que ela repita a mesma série várias vezes, Ela acaba sendo encaminhada a uma escola especial, que atente apenas às pessoas com problemas de aprendizagem e trabalha de forma diferenciada, uma espécie de aceleração, é neste ambiente que ela

consegue superar seus obstáculos e aprende a fazer uso da linguagem escrita através de anotações em um diário, atividade sugerida pela professora que ajuda e muito a personagem a fazer uso da linguagem como uma interação social.

Segundo Kleiman,

Ainda outro aspecto cultural tipicamente letrado que tem claras conexões com mudanças no modo de funcionamento intelectual é a escola. Essa instituição tem o papel explícito de tornar “letrados” os membros da sociedade, fornecendo-lhes instrumental para interagir ativamente com o sistema de leitura e escrita, com o conhecimento acumulado pelas diversas disciplinas científicas e com o modo de construir conhecimento que é próprio da ciência (KLEIMAN et alii, 1995, p. 155).

Dessa forma, os indivíduos excluídos desse lugar social a escola da relação sistematizada com a escrita e com os conhecimentos científicos, estariam excluídos também das formas de pensamentos “letradas”. Para que o indivíduo passe a ser aceito como sujeito social é preciso que ele tenha sido inserido no processo de ensino/aprendizagem oferecido, através de um lugar social que é reconhecido e aceito pela sociedade e esse lugar é a escola.

Por ser a escola o principal meio de acesso ao letramento, que é valorizado pela sociedade, torna-se fundamental para o sucesso do indivíduo que ele tenha condições de demonstrar que está familiarizado com as técnicas de letramento adquiridas através da escola, caso contrário estará sujeito ao fracasso diante dos próprios objetivos.

Nesse sentido, a sobrevivência na escola é comumente vista como sinônimo de aquisição dos bens culturais de prestígio – ser “estudado” é ser “educado”, “mais elevado” – e, ao mesmo tempo, como sinônimo de aquisição dos recursos necessários ao sucesso na ação social de base discursiva, independentemente dos contextos situacionais em jogo – ser “estudado” é saber falar “direito”, é raciocinar/agir/avaliar “certo” (KLEIMAN et alii, 1995, p. 162).

Em suma, o letramento configura-se como um subsídio para que o indivíduo possa alcançar o seu lugar social, ou seja, para que o mesmo deixe de ser invisível socialmente e passe a ser um sujeito letrado capaz de exercer as práticas de comunicação que a sociedade lhe propõe.

### 3. O EMPODERAMENTO ATRAVÉS DO LETRAMENTO

A linguagem escrita e/ou falada é um meio para se alcançar a interatividade social. No entanto, durante muito tempo a aquisição da linguagem escrita foi considerada um privilégio de poucos, apenas as pessoas da mais alta camada social podiam ter acesso ao estudo da linguagem escrita. Dessa forma, as pessoas das demais camadas foram, durante muito tempo, excluídas das atividades sociais por não dominarem as técnicas necessárias para a aquisição da linguagem escrita. As mulheres, os pobres, o sertanejo e, principalmente, o negro eram os principais personagens desse conflito social.

Tratando-se de uma mulher negra esta se submetia a uma dupla exclusão social. A primeira, por ser mulher e a segunda, por ser negra. É o caso das duas personagens aqui analisadas: Celie, protagonista do romance *A Cor Púrpura* e Preciosa, protagonista do romance *Preciosa*. Ambas são mulheres negras, pobres e analfabetas, numa visão social burocrática, seriam incapazes de garantir o seu lugar social diante das exigências que lhes são feitas.

Estas personagens fazem uso da linguagem escrita de forma bastante rudimentar, não-normatizada e qualquer registro escrito feito por elas é dotado de desvios, quanto à língua padrão. Segundo Marcos Bagno,

Esse modo de conceber os fatos de linguagem condena ao submundo do não-ser todas as manifestações linguísticas não-normatizadas, rotuladas automaticamente de “erro” – e, junto com as formas linguísticas estigmatizadas, condena-se ao silêncio e à quase-inexistência as pessoas que se servem delas (BAGNO, 2002, pp.20-1).

Com relação à questão da abstração da língua, o autor afirma que

A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. Se tivermos isso sempre em mente, poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – “a língua” – para um plano concreto – os falantes da língua (BAGNO, 2002, p. 23).

Isso quer dizer que a língua só existe porque os falantes existem, são os falantes que fazem com que a língua perca a concepção de abstração e torne-se concreta, fazendo parte do cotidiano das pessoas. No entanto, essa mesma língua

da qual os falantes fazem uso, tornando-a, concreta passou por processos de sistematização e estruturação, surgindo, daí, o termo língua culta ou padrão. Em seguida começou-se a pensar em variedades linguísticas e linguagem coloquial, estas últimas bastante utilizadas em situações de interação social voltadas para o cotidiano das pessoas, para as situações de linguagem mais corriqueiras possíveis, desde uma simples conversa entre familiares, até mesmo uma conversa informal entre amigos, em lugares públicos como, por exemplo: praias, parques, lanchonetes, entre outros que exigem um grau menor de formalidade entre os indivíduos. Mas quando falamos em aquisição da linguagem, logo associamos ao conceito de língua culta ou padrão, onde todos os indivíduos falantes de uma língua devem conhecer e fazer uso dos mecanismos que estruturam essa língua, ou seja, espera-se que o falante tenha o pleno domínio das regras que foram estabelecidas com relação à língua falada. Esse domínio deve ser demonstrado pelo falante, através da escrita e da oralidade, uma vez que se espera que este estabeleça as concordâncias verbais, atenda às exigências de ordem semântica e faça uso correto dos conectivos que estruturam a sentença que está sendo escrita e/ou falada pelo indivíduo de determinada língua. Caso contrário, este indivíduo pode sofrer o preconceito linguístico, poderá até ser conceituado como indivíduo iletrado, ficando à margem da sociedade e do contexto de interação social que a linguagem escrita e falada pode lhe proporcionar enquanto sujeito que almeja visibilidade social.

O preconceito linguístico geralmente está associado a outros preconceitos sociais que o falante de uma língua sofre, como a sua condição socioeconômica, a cor da pele, sua origem geográfica e até o seu sexo. Dessa forma, um desvio linguístico cometido por uma pessoa de condições socioeconômicas mais privilegiadas não causa tanto desconforto social como um desvio linguístico cometido por um indivíduo de classe social menos privilegiada. O deslize cometido por este último tende a ser considerado um vício de linguagem ou até mesmo um atentado contra a língua. Sobre esse aspecto vejamos o que diz Marcos Bagno:

Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de “erros” as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele) (BAGNO, 2002, p. 73).

Com relação à variedade linguística, é comum a sua existência nos discursos produzidos pelos falantes de uma determinada região. Já sabemos que a língua não

é uma abstração, mas algo que se concretiza nos discursos das pessoas e, dessa forma, ela passa por processos que variam de indivíduo para indivíduo, então vejamos: uma pessoa que mora na zona rural fala diferente de uma pessoa que mora na zona urbana; um grupo de jovens funkeiros fala diferente de um grupo de jovens sertanejos. Estes são fatores que resultam nas variedades linguísticas, de uma mesma língua.

Já está mais do que comprovado que, do ponto de vista exclusivamente científico, não existe erro em língua, o que existe é variação e mudança, e a variação e a mudança não são “acidentes de percurso”: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas. Além disso, as línguas não variam/mudam nem para “melhor” nem para “pior”, elas não “progridem” nem se “deterioram”: elas simplesmente (e até obviamente, diríamos) variam e mudam (BAGNO, 2002, pp.71-2).

No entanto, os falantes de uma língua que fazem parte das classes sociais menos privilegiadas, ao iniciarem o processo de aquisição da língua, buscam assimilar todas as regras e estruturas dessa língua para que, dessa forma, não sofram preconceito linguístico, nem sejam vistas como pessoas que cometem muitos vícios de linguagem, uma vez que o intuito delas é a interação social. Fazer uso da língua para poder se comunicar com as outras pessoas, através da fala e da escrita, pode exercer uma função, ou seja, ter uma profissão e dessa forma mudar o rumo das suas vidas tão sofridas. É este o caso da personagem Preciosa, que é mandada para uma escola especial, já que se encontra fora da faixa etária correta para a sua série por ter repetido de ano muitas vezes. Tudo o que ela almeja é poder concluir os estudos nessa escola especial e tirar o DEG, o certificado que lhe possibilitará a entrada no mercado de trabalho e, assim, mudar a sua condição socioeconômica.

Por muito tempo, a aquisição da linguagem foi vista como uma atividade não muito importante para as mulheres, porque estas já estavam com o futuro traçado pela sociedade: elas seriam donas de casa, teriam um marido e iriam cuidar dos filhos. Se fosse uma mulher, negra, a situação era ainda pior. Esta estaria condenada à escravidão e para servir aos brancos de muitas posses não era necessário saber fazer uso da escrita. Essa situação fez parte da vida dessas mulheres durante muito tempo, os pais de família mandavam apenas os filhos do sexo masculino para a escola porque estes deveriam se tornar homens de negócios para criar e sustentar financeiramente uma família, enquanto que as filhas ficavam

em casa para serem educadas para o casamento por suas mães. Bagno mais uma vez nos esclarece:

Sabemos que, na sociedade Greco-romana antiga, para receber o título de cidadão, para poder exercer o poder político de voto e de governo, a pessoa tinha de preencher alguns requisitos. Primeiro: ser do sexo masculino. Cidadão, assim, na Grécia e na Roma antigas, era um título reservado exclusivamente aos homens. Segundo: tinha de ser livre. Numa sociedade baseada no uso da mão – de – obra escrava, não era sequer possível imaginar um escravo com direito a cidadania. Esses dois critérios básicos já eliminavam mais da metade da população, uma vez que todas as mulheres e todos os escravos estavam excluídos da participação nas decisões sobre o destino do estado. Ora, assim como a famosa democracia grega era democracia somente para uns poucos, também o que se chamava então de “a língua” era a língua usada por alguns desses poucos, por uma parcela dessa já minoritária aristocracia política e econômica, esse grupo seleto de homens livres que comandavam a vida de todos os demais seres humanos (BAGNO, 2002, p. 28).

Os fatores históricos e culturais também contribuíram e muito para o surgimento de uma língua padrão, à qual todas as outras formas de se externar a linguagem deveria se ajustar, vejamos:

No período de produção das gramáticas normativas das línguas nacionais européias, o renascimento, a situação era a mesma. A sociedade era dominada, no seu topo, por uma pequena elite formada de homens (do sexo masculino), livres (porque ainda existia o trabalho escravo), brancos e cristãos (os judeus, muçulmanos, ateus etc., não só eram impedidos de ocupar postos de comando, como também eram perseguidos, torturados e mortos). Por isso, foi a linguagem usada por eles, por essa aristocracia, que se tornou o padrão, a norma, o molde ideal ao qual todos os demais usos da língua tinham de se ajustar (BAGNO, 2002, pp. 28-9).

Em termos contemporâneos, as variedades no uso das modalidades escrita e falada já são mais frequentes e em alguns casos são bem aceitas. Porém, ainda há determinadas culturas que não as veem com respaldo, prevalecendo ainda um modelo padrão.

E até hoje na Inglaterra, a língua que deve servir de modelo se chama “Queen’s English”, o “inglês da Rainha”. E ao findar o século XX, o gramático e filólogo brasileiro Evanildo Bechara dizia que devemos levar o aluno a “falar melhor com os melhores” (1999<sup>a</sup>:70). Mas quem é que escolhe esses “melhores” que vão servir de modelo? E se é possível falar em “melhores” é porque certamente, nessa visão, existem aqueles que falam “piores” e, por conseguinte, são os “piores” (BAGNO, 2002, p. 29).

Todos esses fatores contribuíram para que os indivíduos marginalizados, principalmente as mulheres negras, encontrassem muitas dificuldades durante o processo de aquisição da linguagem. Sabemos que a sociedade é organizada em grupos, alguns mais influentes, outros menos influentes nos mais variados aspectos sociais como na economia, na política, na cultura, para citar alguns. Com relação à linguagem, não é diferente sempre existiu um grupo seletivo que instituiu um padrão linguístico ao qual todas as outras deviam se ajustar. Coube, então, à assim considerada camada subdesenvolvida da sociedade, especialmente às mulheres negras, buscar numa luta, muitas vezes individual, o seu espaço, persistindo e acreditando no seu potencial, enxergando a linguagem como um subsídio para a sua ascensão social.

#### 4. A ESCRITA DE SI, ATRAVÉS DO GÊNERO CONFSSIONAL

O gênero epistolar se caracteriza pelo tom confessional. A escrita de si, através da carta pessoal ou do diário, registra os fatos narrados no momento em que acontecem.

O método epistolar leva o escritor a produzir algo aceitável como a transcrição espontânea das reações subjetivas dos protagonistas aos fatos na medida em que estes ocorrem e, assim, romper com a tendência clássica da seletividade e da concisão [...]. Pois, se os fatos são lembrados muito depois que ocorreram, a memória desempenha uma função mais ou menos semelhante, retendo apenas o que levou a uma ação importante e esquecendo o que foi transitório e malogro (WATT, 1996, p. 167, *apud* VALENTIM 2006).

Através das cartas, as personagens registram no estilo testemunhal, os acontecimentos mais corriqueiros vivenciados por elas. Nesse tipo de narrativa, o leitor é convidado a testemunhar os fatos junto com a personagem, no instante em que eles ocorreram.

O uso das cartas para estruturar uma narrativa permite que o leitor se aproxime mais da consciência íntima das personagens e o autor textual, ao elaborar o que as personagens poderiam escrever em determinadas circunstâncias, traz para a ficção o uso cotidiano das cartas: a correspondência informal, onde o objetivo era partilhar com seu(s) interlocutor(es) seus pensamentos e atos cotidianos (VALENTIM, 2006).

No romance epistolar onde a narrativa é registrada através do diário, são os fatos mais íntimos e particulares das personagens que nos são apresentados:

Em busca desta escritura de foro íntimo, voltamo-nos para o diário. A princípio não destinado à publicação, este olhar de um sujeito lançado sobre um objeto, revela, em especial, no diário inglês, se comparado com o francês, com menor pudor e reserva da intimidade da família, os defeitos da esposa, as referências às crianças, as confidências, as infidelidades, os amores fortuitos (VALENTIM, 2006).

Na literatura epistolar, as denúncias sociais nos são apresentadas através da escrita de si. As personagens narram o que vivenciam em alguns casos, elas são vítimas de preconceitos raciais, de abusos sexuais. Enfim, elas encontram na escrita epistolar um meio de externar a sua intimidade.

É o que acontece no romance *A Cor Púrpura* em que a personagem Celie relata toda a sua sofrida trajetória de vida através de cartas, isso porque a mesma foi separada da sua irmã mais nova Nettie e ambas fizeram uma promessa de continuar tendo contato uma com a outra através de cartas.

Mas eu só digo, Num importa, enquanto eu puder escrever D-e-u-s, eu tenho alguma coisa. [...] Eu digo, Escreve.

Ela diz, O quê?

Eu digo, Escreve.

Ela diz, Só a morte pode me impedir de fazer isso.

Ela nunca escreve (WALKER, 1982, p. 26).

O romance *A Cor Púrpura* inicia com uma carta de Celie destinada a Deus, onde ela se descreve para Ele e, em seguida pede, sua ajuda para descobrir o que está acontecendo com ela.

Querido Deus,

Eu tenho catorze ano. Eu sou Eu sempre fui uma boa minina. Quem sabe o senhor pode dar um sinal preu saber o que ta acuntecendo comigo (WALKER, 1982, p. 11).

Celie utiliza-se do gênero epistolar para denunciar, através de suas cartas, todas as injustiças e todos os abusos sofridos por ela, ao longo de sua vida. Em outra carta destinada a Deus, ela narra os abusos sexuais cometidos pelo próprio pai, que culminaram em gravidez na adolescência por duas vezes.

Querido Deus,

Parece que ele num pode mais nem olhar pra mim. Fala queu sou má e sempre quero fazer coisa ruim. Ele levou meu outro nenê também, um minino dessa vez. Mas eu num acho que ele matou, não. Acho que ele vendeu prum home e a mulher dele, lá em Monticello (WALKER, 1982, p. 13).

Celie também usa a escrita para externar os preconceitos que sofre por causa da sua cor e do seu gênero, sendo os piores os que são praticados por seu marido Albert, com o qual foi casada por 30 anos:

Ele ri. Quem você pensa que é?, ele diz. Você num pode amaldiçoar ninguém. Olhe pra você. Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher. Vá pro diabo, ele diz, você num é nada (WALKER, 1982, p. 186).

O romance *Preciosa* também é uma narrativa epistolar em que a protagonista Preciosa registra todos os acontecimentos de sua vida em um diário. Assim como Celie em *A Cor Púrpura*, ela faz uso da escrita de si para denunciar os abusos sexuais sofridos durante a adolescência, cometidos por seu próprio pai, denunciando também os maus tratos que sofria por parte de sua mãe:

- Precious! – Essa é minha mãe me chamando.

Não falo nada. Ela tava olhando minha barriga. Sei o que vem por aí. Fico lavando os prato. Comemos frango frito, purê de batata, molho, vagem e pão de forma no jantar. Não sei com quantos meses to de gravidez. Não quero ficar ali parada e escutar minha mãe me chamar de vagabunda. Ficar berrando o dia inteiro que nem que ela fez na última vez. Vagabunda! Puta desgraçada! O que você andou fazendo? Quem! Quem ! Queeeeem, que nem a coruja no filme da Disney que eu vi uma vez. Queeeeem! Cê quer saber quem? (SAPPHIRE, 2010, pp. 17-8).

Preciosa é uma adolescente pobre, negra e gorda, vítima de vários preconceitos, que ela relata em seu diário:

Eu era gorda com 12 anos também, ninguém sacava que eu tinha 12 se eu não falasse. Sou alta, só sei que tenho mais de 100 quilos porque a agulha da balança no banheiro para aí e não vai mais longe. Na última vez que quiseram me pesar na escola eu disse que não. Por quê , sei que eu sô gorda. E daí? Próximo assunto do dia (SAPPHIRE, 2010, p. 20).

Em decorrência desses preconceitos por alguns instantes, a questão da identidade é bastante problemática para Preciosa, uma vez que ela passa a não se aceitar nem física, nem culturalmente.

A Srta. Rain diz pra escrever o que a gente fantasiamos sobre a gente. Como a gente ia ser se a vida fosse perfeita. Agora eu te digo uma coisa, eu ia ser clara, e assim ia ser bem tratada e amada pelos garoto. Clara é ainda mais importante que magra; você vê umas garota de pele clara e gorda, elas têm namorado. Os garotos passa por cima de muita coisa pra ficar com uma garota branca ou amarela, especialmente se for um garoto de pele escura com beiços grande ou nariz grande, ele PIRA com a garota amarela! Então essa é minha primeira fantasia, ser clara. Depois eu tenho cabelo. Que balança, você sabe, que nem eu faço com meus aplique, mas dessa vez é com meu cabelo de verdade, pra sempre (SAPPHIRE, 2010, p. 130).

Apesar de o ato de narrar ser uma condição atribuída ao homem há muito tempo, percebemos que o gênero epistolar proporcionou à mulher a escrita de si, através da qual é possível registrar as particularidades da sua própria vida.

## 5. A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE LETRAMENTO COMO EMPODERAMENTO NA VIDA E NO DESTINO DE CELIE E PRECIOSA

No início do romance *A Cor Púrpura* Celie é uma adolescente de 14 anos que não tem muitas possibilidades de ter um futuro promissor em decorrência de sua situação socioeconômica, cultural e cognitiva. Vivendo numa sociedade extremamente falocêntrica, ela é vítima de muitos preconceitos. Há momentos em que até começa a reproduzir o discurso do outro, em virtude de não ter tido o direito de frequentar a escola, na faixa etária correta, nem ter acesso ao processo de letramento a que todo cidadão tem direito. Assim, ela começa a internalizar o preconceito e a cultivar a auto aversão, considerando-se uma “burra”, de tanto que ouviu os outros a classificarem assim.

Nós duas, a gente dava duro nos livro da escola da Nettie, porque a gente sabia que tinha que ser esperta pra poder fugir. Eu sei que eu num sou nem tão bunita nem tão esperta quanto a Nettie, mas ela diz que eu num sou boba (WALKER, 1982, p. 19).

Em meio a todos esses desvios sociais que a personagem vivencia, ela ainda consegue perceber que a escola, o ensino em si, é a luz no fim do túnel para resgatá-la dessa condição de iletrada. Ela passa a enxergar o letramento como uma ferramenta que poderá salvar a si própria e a sua irmã mais nova Nettie da condição de escravas do lar, submissas a um marido opressor.

Vou falar pra Nettie ficar com os livro dela. É preciso mais que juízo pra cuidar de criança que num é nem da gente. E veja o que aconteceu com a mãe (WALKER, 1982, p. 14).

Celie é proibida pelo próprio pai de frequentar a escola, o único lugar que poderia lhe devolver a dignidade e a esperança que ela tanto precisa para continuar vivendo e tentando alcançar o seu lugar na sociedade. O seu pai alega que a mesma é muito boba para continuar estudando e que é feia também, dessa forma só servindo para o trabalho duro. De acordo com ele a filha seria uma boa esposa, pois é limpa e sabe obedecer a ordens. No contexto cultural e social em que vive, todos esses atributos que o pai lhe dá a impedem de ir para a escola; isto realmente seria uma atividade inútil em tal situação.

No entanto, todos os elogios e privilégios eram destinados a sua irmã, esta sim, o pai deixa estudar para se tornar uma professora, pois é muito esperta e

bonita. Inclusive ela também é poupada do casamento sem amor por ter todas essas características. Em seu lugar, Celie é oferecida ao pretendente, já que na visão de seu pai ela não serviria para os estudos.

Eu num posso deixar o senhor levar a Nettie. Ela é nova demais. Num sabe de nada, só o que a gente fala pra ela. Depois, eu quero que ela fique mais na escola. Quero fazer dela uma professora. Mas eu posso deixar o senhor levar a Celie. Ela é mais velha mesmo. Ela precisa casar primeiro. Ela também num é mocinha, eu acho que o senhor sabe disso. Ela já foi manchada. Duas vez (WALKER, 1982, p. 17).

Celie é “manchada” duas vezes, como podemos perceber na citação acima, porque foi vítima de abuso sexual ainda adolescente, violência praticada pelo próprio pai, situação que mais uma vez serve para afastá-la da escola, já que ela seria a única adolescente grávida a frequentar um ambiente escolar:

Da primeira vez que fiquei de barriga, o pai me tirou da escola. Ele nunca quer saber se eu gosto de lá ou não. Nettie ficou lá no portão segurando apertado na minha mão. Eu tava toda vistida pro primeiro dia. Você é muito boba pra continuar indo pra escola, o pai diz. Nettie é a inteligente desta casa (WALKER, 1982, p. 19).

Celie e sua irmã são consideradas excelentes alunas, a ponto de sua professora, Miss Beasley, ir a sua residência tentar fazer com o que o seu pai permita que ela volte a estudar. Entretanto, quando o pai de Celie a chama para a sala e a professora percebe o seu estado de gravidez, fica sem argumentos e desiste de resgatá-la dessa submissão que parece não ter fim.

Quando eu percebi a Miss Beasley tava na nossa casa pra tentar conversar cum o pai. Ela diz que desde que ela era professora ela nunca tinha visto ninguém querer tanto aprender como a Nettie e eu. Mas quando o pai me chama e ela vê como meu vistido ta apertado, ela pára de falar e vai embora (WALKER, 1982, p. 20).

Reconhecendo toda a dedicação de Celie para com ela, Nettie tenta ajudá-la repassando, mesmo que de forma rudimentar, todos os ensinamentos que lhe são transmitidos na escola. Para alcançar visibilidade social e ser respeitada, a mulher pobre e negra precisa ter estudo, ou seja, precisa saber fazer o uso da leitura e da escrita. Dessa forma, durante as atividades domésticas realizadas por Celie, Nettie sempre dava um jeito de encontrar tempo para ensinar Celie a ler e a escrever:

Ela fica sentada lá cumigo discascando ervilha ou ajudando as criança no ditado. Me ajudando no ditado e em tudo o mais que ela

acha que eu preciso saber. Num importa o que acontece, a Nettie pelega pra me ensinar o que tá acontecendo no mundo. E ela é boa professora também. Eu quase morro quando penso que ela pode casar com alguém como Sinhô ou acabar se matando na cozinha de uma madame branca. Todo dia ela lê, ela estuda, ela pratica caligrafia, e tenta fazer a gente pensar. Na maioria dos dias eu to muito cansada pra pensar. Mas paciência é o outro nome dela (WALKER, 1982, p. 25).

Mas, apesar do desânimo da aprendiz, a irmã não desiste das aulas: toda e qualquer informação que encontra nos livros Nettie acha que Celie precisa saber, pois também teria assuntos importantes para conversar com as outras pessoas e dessa forma poderia mostrar que era inteligente e desconstruir todo um estereótipo que lhe foi atribuído.

O jeito pra você saber quem descobriu a América, diz Nettie, é pensar nos calombo. É parecido com Colombo. Eu aprendi tudo sobre Colombo no primeiro grau, mas parece que foi a primeira coisa que eu esqueci. Ela diz que Colombo veio aqui no barco com nome de Niña, Pinta e Santamaría. Os índios foram ótimos pra ele e ele levou um monte deles à força de volta com ele pra servir a rainha (WALKER, 1982, p. 19).

Durante toda a vida, Celie passa pelo processo de letramento de forma rudimentar. Através de meios próprios, ela consegue fazer uso da escrita também, de forma particular, sendo seus textos dotados de marcas de identidade. Esta particularidade na escrita é marca de todo o processo de letramento ao qual ela teve acesso com a ajuda de sua irmã. Depois que são separadas uma da outra Celie e Nettie veem na escrita a única forma de continuar mantendo contato. A princípio, Celie desconhece o destino da sua irmã, então ela começa a escrever cartas para Deus todos os dias. Já a sua irmã escreve sempre, mas Albert, o marido de Celie, faz com que ela nunca receba carta alguma da irmã.

A escrita e a leitura servem de subsídio para que Celie seja capaz de reivindicar seus direitos enquanto sujeito social, após 30 anos de submissão ao seu marido: através das leituras das cartas que sua irmã lhe escrevia da África, ela passa a conhecer um pouco da cultura africana e começa a se instruir através das informações que sua irmã lhe transmite pelas cartas. Esse é o fio condutor para que ela recupere a voz que há muito tempo lhe fora roubada.

Quanto à Preciosa, heroína de *Push*, esta é uma adolescente de 12 anos de idade que, assim como Celie, é vítima de vários preconceitos. Passa pelo processo

de exclusão escolar, já que fora vítima de abusos sexuais que culminaram em gravidez por duas vezes. Isso acarreta grande deficiência no rendimento escolar, o que faz com que ela repita a mesma série algumas vezes:

Eu levei bomba quando tava com 12 anos por causa que tive um neném do meu pai. Foi em 1983. Fiquei um ano fora da escola. Esse vai ser meu segundo neném. Minha filha tem Sindro de Dao. É retardada. Levei bomba na segunda série também, quando tinha 7 anos, Porque não sabia ler (e ainda mijava nas calças). Eu devia ta na décima primeira série, estudando pra ir pra décima segunda série pra poder me formar. Mas não to. Tô na nona série (SAPPHIRE, 2010, p. 11).

Essa conjuntura faz com que ela também comece a se autodepreciar, repetindo o discurso pejorativo dos outros para consigo. Mesmo em certos momentos ela se acha burra demais, já que esse é o conceito que fazem dela, tanto seus colegas na escola, como principalmente a sua mãe em casa:

Monga parece espanhol, né? É, foi por isso que eu escolhi esse nome, mas na verdade é diminutivo de Mongoloide Sindro de Dao, que é o que ela é; às vez é o que eu acho que eu sou. Às vez eu me sinto burra demais. Feia demais, não valendo nada. Eu podia ficar sentada aqui com a minha mãe todo dia, com as janela fechada, vendo TV; comer, ver TV; comer (SAPPHIRE, 2010, pp. 46-7).

Mesmo sofrendo preconceitos na escola, para Preciosa o espaço escolar é o único refúgio que ela tem para se livrar dos maus tratos da mãe todos os dias e ficar longe do pai, que costumava abusar dela desde que era uma criança. A insistência de Preciosa em continuar se submetendo aos processos de letramento faz com que ela supere todos os obstáculos. Transferida para um centro de aprendizagem alternativo, uma espécie de escola para pessoas com grandes dificuldades de aprendizagem, ela conhece a Srta. Rain, a professora que inicia, de fato, o seu processo de aprendizagem, através do letramento e lhe ensina a Le,r pela primeira vez, uma frase completa aos 16 anos de idade:

\_\_ Praia \_\_ mas não tenho certeza, conheço o P de “praia”, e não tem P nessa palavra. Ela diz: \_\_ “Litoral”, essa palavra é “litoral”, é quase como “praia”, muito bem, muito bem. \_\_ Depois ela fala em voz baixinha que nem um gato ronronando (eu sempre quis ter um gato): \_\_ Você consegue ler a frase inteira?

Eu digo:

\_\_ Um dia na praia.

Ela diz muito bem e fecha o livro. Sinto vontade de chorar. Sinto vontade de rir. Quero abraçar e beijar a Srta. Rain. Ela faz eu me sentir bem. Eu nunca tinha lido nada antes (SAPPHIRE, 2010, p. 67).

Em seguida, o letramento de Preciosa passa a acontecer todos os dias, através do registro dos acontecimentos do seu dia em uma espécie de agenda, por sugestão da Srta. Rain. Através de seu diário, Preciosa dá seus primeiros passos em busca de um futuro melhor, escrevendo as letras do jeito que sabe, com sua escrita rudimentar, mas que contava com a supervisão da professora para um dia atingir a perfeição na escrita:

A Srta. Rain sabe que a Monguinha é minha filha porque eu escrevi no diário. Tô feliz porque to escrevendo. Tô feliz porque tô na escola. A Srta. Rain diz que a gente vai escrever todo dia, isso quer dizer em casa também. E ela vai escrever de volta todo dia. Que legal! (SAPPHIRE, 2010, p. 75)

A personagem começa a entender a importância que o letramento e a escrita têm na vida das pessoas. Percebe-se que a família também deve ser uma instituição formadora, que os primeiros processos de letramento devem ser estimulados pela família, por isso pratica a leitura e aproveita para falar com o seu neném ainda um feto em seu ventre, passando para ele a importância que tem a escrita e a leitura:

Escuta neném, mamãe ama você. Mamãe não é burra. Escuta neném: ABCDEFHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ.

Isso é o alfabeto. Vinte e seis letra. As letra faz palavra. As palavra é tudo (SAPPHIRE, 2010, p. 80).

Preciosa começa a perceber que todo cidadão precisa ter uma profissão e o letramento é a principal ponte para a profissionalização de alguém. Ela, então, começa a ter uma visão mais articulada da dimensão social do letramento, o que fica claro no fragmento a seguir:

9 de janeiro de 1989

To um ano na iscola eu gosto da iscola eu amo mina pofesora

(Tô um ano na escola eu gosto da escola eu amo minha professora)

Apendi muito. Li livos, cuidoo de ciansa meçe no comutado

(Aprendi muito. Li livros, cuidoo de criança, mexo no computador)

Srta. Rain eu qria arraga um tabalo bom apede tabala no comutado

(Srta. Rain eu queria arranjar um trabalho bom aprender a trabalhar no computador)

Araga apatameto PA mim e Monguinha e o Abdul

(Arranjar apartamento pra mim e Monguinha e o Abdul)

Srta. Rain eu peguto por qe eu?

(Srta. Rain eu pergunto por que eu?) (SAPPHIRE, 2010, pp. 103-04).

O diálogo entre o educador e o educando torna ainda mais enriquecedor o processo de letramento na escola, é o que acontece entre a Srta. Rain e Preciosa:

Querida Srta. Precious,

Você levanta meu dia! Você simplesmente não sabe como adoro ter você na minha turma, como eu amo você, ponto final. E sinto orgulho de você; toda a escola sente orgulho de você.

Tenho certeza de que você vai poder arranjar um emprego quando tirar seu DEG. E talvez sua assistente social ajude a encontrar um bom lugar para você, a Monguinha e o Abdul.

Não sei o que você quis dizer com a pergunta: “Por que eu?” Por favor, explique.

Srta. Rain 9/1/89 (SAPPHIRE, 2010, p. 104).

Quando a escrita passa a fazer parte do cotidiano de Preciosa, ela começa a perceber que, com a ajuda da sua professora, ela está evoluindo. A cada dia, ela melhora as letras e diminui os desvios do ponto de vista gramatical:

27/2/89

A Srta. Rain diz agora mais, muito mais. Ela qer mais de mim. Mais do que 15 minuto e escreve de volta. Diz pra eu andar com ele. Eu pergunto: Com o *diário*? Ela diz, É, anda com o diaro. Aonde você for, o ~~diaro~~diário vai. Você sabe eu vô andar com Abdul etc., levo o diário, escrevo coisa no diário.

To apedendo muito: dos dois. Duas palavras 2 diferetes. Cada uma ~~diferete~~ diferente da outra. Mal mau. Duas palavras mal.

Istoria.

Quando não ~~conci~~ consigo escrever uma palavra a Srta. Rain diz pra eu botar o som da primeira letra c\_\_\_ e desenhar uma linha. Isso quer dizer consigo. Depois ela escreve na linha a palavra direita pra mim (SAPPHIRE, 2010, p. 113).

Dessa forma, ela se vê cada vez mais próxima da inclusão social, de conseguir um emprego e recuperar a dignidade que lhe fora roubada, inclusive pela própria família.

\_\_ De jeito nenhum! \_\_Grito. \_\_Eu vou tirar meu DEG, vou conseguir um emprego e um lugar para mim e pro Abdul , depois vou pra faculdade. Não quero ser “auxiliar doméstica” de ninguém (SAPPHIRE, 2010, p. 137).

Desta forma, verificamos que o letramento foi um subsídio para que Preciosa pudesse enxergar que através da leitura e da escrita, seria possível mudar o rumo da sua vida tão sofrida, alcançando o seu lugar social, recuperando a sua voz. Para jovens como ela, a escola representa um espaço capaz de devolver-lhe a autoestima e de dar-lhe dignidade e cidadania, conquistas que lhe dão uma liberdade de expressão que ela nunca tivera.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens Celie e Preciosa tiveram suas vidas marcadas pela exclusão social, ambas foram impedidas de frequentar a escola no período adequado para qualquer pessoa, que é durante a infância e a adolescência. Mas como pudemos perceber ao longo de nossa pesquisa, a força de vontade e a determinação são características próprias delas. Vimos que a leitura e a escrita sempre foram seus objetivos, pois elas sabiam que era essencial se mostrar como um sujeito pensante diante de uma sociedade tão opressora.

Tanto Celie quanto Preciosa passaram a enxergar o letramento como um subsídio para o empoderamento, uma vez que, em muitas ocasiões, tiveram que se calar diante de todos os que as oprimiram por um longo tempo e que as humilharam por elas serem mulheres, negras e pobres.

Ao longo de nosso trabalho, abordamos o processo de retomada da própria dignidade de Celie e Preciosa e a conseqüente visibilidade da mulher negra, analisando a sua posição na sociedade, enquanto enquadramos o letramento na vida dessas personagens como uma ferramenta para a sua liberdade de expressão.

Maculadas pela violência doméstica, ambas as personagens aqui analisadas tiveram a sua identidade, sua confiança e sua sexualidade aprisionadas no âmago de uma busca por afirmação como sujeito social que só pode vir à tona quando lhes foi descerrado o véu do conhecimento. Portadoras de potencialidades que não foram devidamente aproveitadas no tempo certo, as adolescentes Celie e Preciosa encontraram no letramento um poderoso aliado para que mais adiante pudessem assumir papéis sociais mais relevantes: Celie como empresária e Preciosa como alguém que tem todas as probabilidades de arranjar um emprego e viver dignamente ao lado dos filhos que, definitiva ou provisoriamente lhes foram tirados.

Resumindo: fé, dignidade e esperança em dias melhores é o saldo positivo do letramento na vida dessas mulheres. Isto se confirma pela incontestável relação de afinidade que existe entre o *saber* e o *poder*.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BARBOSA, Ivanilda. **A Escrita Paterna e o Desvelamento de Sentido em Uma Noite em Curitiba**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 7. Brasília, maio/junho de 2000, pp. 11-21.

KLEIMAN, Angela B. (org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MASETTO, Marcos Tarcisio. **Didática: a aula como centro**. 4ª ed. São Paulo: FTD, 1997.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1988.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008

SAPPHIRE. **Preciosa**. Tradução Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SMITH (1989, p. 369) apud NAPIER, Winston. **African American Literary Theory**. NY: NUP, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Ser negro no Brasil hoje**. 16º Ed. São Paulo: Moderna, 1987.

VALENTIM, Claudia Atanazio. **O romance epistolar na literatura portuguesa na segunda metade do século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdades de Letras, 116 fls mimeo. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, 2006.

WALKER, Alice. **A Cor Púrpura**. Tradução Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Circulo do Livro, 1982.